



## CÂMARA MUNICIPAL DE ARACAJU

Essa sessão foi registrada através de notas taquigráficas do Setor de Taquigrafia e revisada pelo Setor de Revisão da Câmara Municipal de Aracaju

e-mail: [setortaquigraficma@gmail.com](mailto:setortaquigraficma@gmail.com)

### 3ª SESSÃO ESPECIAL DO DIA 23 DE MARÇO DE 2026

**TEMA: “DIA INTERNACIONAL DA SÍNDROME DE DOWN. AMIZADE,  
ACOLHIMENTO E INCLUSÃO. XÔ, SOLIDÃO!”**

**PRESIDENTE DESTA SESSÃO ESPECIAL: SARGENTO BYRON – MDB**

**PRESIDENTE DESTA SESSÃO ESPECIAL SARGENTO BYRON – MDB**

Bom dia a todos. Bom dia a todas. Sob a proteção de Deus, e em nome do povo aracajuano, declaro aberta esta sessão especial, com o tema: “Amizade, acolhimento e inclusão. Xô, solidão!” Nesse momento, eu convido para compor a mesa a excelentíssima senhora doutora Ana Galgane, Promotora de Justiça do Ministério Público do Estado de Sergipe. Convido também o doutor Breno Messias de Andrade Figueira, presidente da Comissão de Direito à Saúde, representando o presidente da OAB Sergipe, Dannel Alves. Com enorme satisfação, convido para fazer parte desta mesa seleta, Flávia Guadalupe Rodrigues de Oliveira Silva, bailarina de dança do ventre e autodefensora da Federação Brasileira de Síndrome de Down. Convido também para fazer parte da mesa a fotógrafa Natália Magalhães, membro da Cidown. Convido também para fazer parte dessa seleta mesa a senhorita Alice Paz Silveira, fotógrafa da IncluZoom e *influencer digital*. Em tempo ainda, com enorme satisfação, convido a senhorita Camila Melo Barreto, aluna de fotografia do IncluZoom e membro da diretoria da Cidown. Neste momento, eu convido todos a ficar de pé, em posição de respeito, para acompanharmos a execução do Hino Nacional (execução do Hino Nacional). Gostaria aqui de registrar as ilustres presenças da senhora Rosa Maria, integrante do Projeto Estrelas do Mar, Felipe Monte, também integrante do Projeto Estrelas do Mar, Clarice Rodrigues, Maria Clécia, Edilson Honório, Sueli Magalhães, Natália Magalhães, Edenízia dos Santos, Ângela de Oliveira, Alice Paz Silveira, Ana Galgane Paes, Fernanda Maria Cruz Lima, Maria Auxiliadora Cruz Lima, Antônio Carlos e o jovem Vitor Lucas. Muito obrigado pelas presenças. Esta sessão tem como objetivo buscar fazer alusão ao dia 21 de março, que é o Dia Internacional das Pessoas com Síndrome de Down, mas também buscar dar protagonismo e fala para as pessoas que possuem Síndrome de Down e seus familiares. Eu vejo aqui as mães dos integrantes dessa mesa, de Flávia, de Camila, todas com a camisa que tem como título “Amizade,

acolhimento e inclusão”. Então, é importante que a gente frise realmente quais são as temáticas e qual vai ser a abordagem que vai ser dada pelos nossos integrantes da mesa aqui. Nesse momento, eu convido e solicito ao amigo Amauri, chefe do Cerimonial, que faça a leitura do Requerimento nº 89/2026.

## **AMAURI SANTOS – CHEFE DO CERIMONIAL DA CÂMARA MUNICIPAL DE ARACAJU**

“Requerimento nº 89/2026, de autoria do vereador Sargento Byron Estrelas do Mar. Senhor presidente, requiero a realização de sessão especial com o tema ‘Amizade, acolhimento e inclusão. Xô, solidão’, a ser realizada no dia 23 de março, às 9 horas, no plenário da Câmara Municipal de Aracaju. A iniciativa tem como objetivo promover uma reflexão sobre a importância da inclusão social e do combate à solidão, especialmente no contexto das pessoas com Síndrome de Down. Combater a solidão é, antes de tudo, um compromisso com os direitos, a dignidade e a plena participação dessas pessoas na sociedade. Com esta sessão especial, buscamos unir pessoas com Síndrome de Down, suas famílias, profissionais, instituições e toda a sociedade em uma mobilização que reafirme um compromisso coletivo, dizer ‘não’ à solidão e ‘sim’ à inclusão, ao acolhimento e à amizade. Palácio Graccho Cardoso, Aracaju, 10 de março de 2026, Byron Virgílio dos Santos Silva, vereador.” As correspondências. “Cumprimentando-o cordialmente, acuso recebimento do convite para a sessão especial com o tema: ‘Amizade, acolhimento e inclusão. Xô, solidão’, a ser realizada no dia 23 de março. Impossibilitada de comparecer por compromissos assumidos anteriormente, agradeço a Vossa Excelência a gentileza do convite. Apresento votos de pleno êxito na realização do referido evento. Cordiais saudações, desembargadora Iolanda Santos Guimarães, presidente do Tribunal de Justiça do Estado de Sergipe.” A seguinte. “Ao cumprimentá-lo cordialmente, faço referência ao convite no qual muito gentilmente convida a prefeita do município de Aracaju, Emília Corrêa, para participar da sessão especial a ser realizada no dia 23 de março, às 9 horas. Informo-lhe que a senhora prefeita se sente honrada com o convite, entretanto, devido a compromissos oficiais previamente agendados, ficará impossibilitada de comparecer ao referido evento. Respeitosamente, Daniele Ferreira, chefe do Cerimonial.” A seguinte vem da Procuradoria Regional do Trabalho da 20ª Região. “Cumprimentando cordialmente Vossa Senhoria, acusamos o recebimento do convite para a sessão especial ‘Amizade, acolhimento e inclusão. Xô, solidão’. Na oportunidade, agradecemos o gentil convite e informamos que o procurador-chefe da Procuradoria Regional do Trabalho da 20ª Região, doutor Márcio Amazonas Cabral de Andrade, infelizmente, não poderá comparecer por incompatibilidade de agenda em razão de compromissos assumidos anteriormente. Desejamos pleno êxito ao evento e apresentamos votos de estima e elevada consideração.” A seguinte vem do Instituto Federal de Sergipe. “Cumprimentando-os

cordialmente, agradecemos o convite e informamos que, devido a compromissos anteriormente agendados, a senhora reitora professora Ruth Sales Gama de Andrade não poderá comparecer ao evento em epígrafe. Atenciosamente, Jaqueline de Jesus Azevedo Freire, secretária executiva do Instituto Federal de Sergipe.” Lido o requerimento e as correspondências, senhor presidente.

#### **PRESIDENTE DESTA SESSÃO ESPECIAL SARGENTO BYRON – MDB**

Muito obrigado, senhor Amauri. Vamos dar início a nossa sessão especial. Convido nesse momento para fazer uso da palavra a senhorita Camila Melo Barreto. A senhora tem três minutos, pode ficar à vontade. Pode falar daí ou, se quiser, ir para a tribuna. Fique à vontade.

#### **CAMILA MELO – ALUNA DE FOTOGRAFIA DA INCLUZOOM E DIRETORA DA CIDOWN**

Bom dia. Meu nome é Camila Melo Barreto, eu tenho 22 anos, sou uma pessoa com Síndrome de Down. Eu gosto de passear, viajar, dançar e estar com meus amigos. Vou fazer a autodescrição. Eu uso óculos, meus olhos são castanho-claro, pele branca, cabelo castanho, camisa branca e “Xô, solidão”. Venho falar com vocês em um dia tão importante de visibilidade para a pessoa com T21. A amizade. O que é amizade? Amizade é quando temos pessoas que conversam com a gente, ajudam e, quando precisamos, respeitam quem somos. Amigo é quem acolhe, escuta e caminha junto. Todo mundo precisa de amigos. Amizade é quando alguém olha para você e diz: “Eu vejo você”. Amigo é quem convida, é quem escuta, é quem respeita para conduzir. Amizade é ponte. Contra a solidão. Xô, solidão.

#### **PRESIDENTE DESTA SESSÃO ESPECIAL SARGENTO BYRON – MDB**

Parabéns, Camila, pela sua fala. Muito obrigado. Produziu o seu texto, para passar uma mensagem clara para a gente. É muito importante, viu, Camila? Cada vez mais, assim, eu foco nas frases. A gente tem olhado as frases, as palavras que tem nas camisas que vocês carregam no peito, e a gente vê o reforço de toda a sociedade acompanhar de perto, não é? Em continuidade às falas, eu vou chamar, nesse momento, Flávia Guadalupe de Oliveira, nossa amiga que é bailarina de dança do ventre e também autodefensora da Federação Brasileira de Síndrome de Down. Flávia, a palavra agora é com você. Fique à vontade.

#### **FLÁVIA GUADALUPE – BAILARINA DE DANÇA DO VENTRE E AUTODEFENSORA DA FBASD**

Bom dia a todos e a todas. O meu nome é Flávia Guadalupe, sou mulher adulta, nordestina, e tenho Síndrome de Down. Eu tenho a blusa de “Amizade, acolhimento e inclusão”, e blazer preto, calça preta e cabelo liso. Venho falar com vocês em um dia tão importante de visibilidade para a pessoa com 21. Atualmente, sou autodefensora da Federação Brasileira das Associações de

Síndrome de Down, membro da diretoria da Associação Sergipana dos Cidadãos com Síndrome de Down – Cidown. Faço parte do IncluZoom. Chegar até aqui não foi fácil, o capacitismo associado ao preconceito cria barreira diretamente. Mas hoje, mais do que lembrar uma data, eu quero convidar você a pensar sobre a presença, porque a Síndrome de Down não é o centro da vida de uma pessoa com Síndrome de Down. O centro da minha vida sou eu, minha identidade, minha voz, meus desejos, meus afetos, meus caminhos. Durante muito tempo, pessoas como eu foram vistas apenas com a característica genética, como se isso resumisse tudo o que somos. Mas ninguém cabe em um diagnóstico. Nós somos mais do que isso. Então, pare e pense. Vamos destruir falas capacitistas. Eu não sou exceção. Eu não sou um símbolo. Eu sou uma pessoa. Sou também o resultado das oportunidades que tive. Sou resultado do amor, do apoio e do acolhimento e das chances reais que me deram para crescer. E talvez a grande pergunta deste dia seja: o que ainda impede o mundo de enxergar pessoas com T21 como parte natural da humanidade? Porque o que limita não é a síndrome, o que limita é falta de sensibilidade, ausência de oportunidades, o capacitismo disfarçado de cuidado. Inclusão não é gentileza. Inclusão é direito, e disso eu não abro mão. Xô, solidão. Obrigada.

#### **PRESIDENTE DESTA SESSÃO ESPECIAL SARGENTO BYRON – MDB**

Parabéns, Flavinha, pela sua fala. Parabéns mesmo. Convido agora, para fazer uso da palavra também, a fotógrafa Natália Magalhães, membro da Cidown.

#### **NATÁLIA MAGALHÃES – FOTÓGRAFA E MEMBRO DA CIDOWN**

Bom dia a todos. Meu nome é Natália Magalhães, tenho 21 anos, sou autodefensora do Nordeste da Federação Brasileira das Associações de Síndrome de Down. Tenho formação em *advocacy* e sou membro da diretoria da Cidown. Também sou graduada em fotografia. Participo do projeto IncluZoom e trabalho como fotógrafa e *social media* na SEASIC. Hoje, eu quero começar com uma pergunta. Quem deve falar pelas pessoas com Síndrome de Down? Durante muito tempo, as pessoas falam por nós, mas hoje temos algo muito importante para dizer. Nós temos voz, nós temos direitos e não queremos capacitismo. Queremos participar. Os autodefensores são pessoas com Síndrome de Down que aprendem a falar por si mesmos. Devem ter seus direitos e participar das decisões sobre suas vidas. Já a formação em *advocacy*, realizada pela Federação Brasileira das Associações de Síndrome de Down, prepara essas pessoas e também suas famílias para conhecer as leis e lutar por direitos de forma organizada, ou seja, a autodefensoria, e fortalecer a nossa voz. A *advocacy* ensina como usar essa voz para mudar a sociedade. Nós queremos o que toda pessoa quer: estudar, trabalhar, ter autonomia e realizar nossos sonhos. Por isso, deixo uma mensagem muito clara: chega de capacitismo! Nada sobre nós, sem nós. Porque inclusão não é favor, inclusão é direito. Muito obrigada! Xô, solidão!

**PRESIDENTE DESTA SESSÃO ESPECIAL SARGENTO BYRON – MDB**

Parabéns, Natália. Parabéns. A próxima pessoa a fazer uso da palavra é a senhorita Alice Paes Silveira, fotógrafa do IncluZoom e também *influencer digital*.

**ALICE PAES SILVEIRA – INTEGRANTE DA CIDOWN**

Bom dia a todas as pessoas aqui presentes. Cumprimento as autoridades através do vereador Sargento Byron. Me chamo Alice Paes Silveira, tenho 21 anos e sou uma pessoa com Síndrome de Down. Sou uma mulher branca, cabelos loiros, uso óculos de grau, tenho estatura baixa e uso calça e camisa branca. Desde pequena, gosto muito de música e dança, além de maquiagem e moda. Concluí o ensino médio em 2022 e prestei o ENEM. Atualmente, estudo espanhol, inglês, além de fazer aulas de canto, bateria e fotografia. Participando como aluna do projeto IncluZoom, tenho me dedicado às redes sociais como *influencer*, um dos meus grandes sonhos, e venho conquistando meu espaço na mídia. Gosto muito de ter amigos. Atualmente, meus grandes amigos têm Síndrome de Down, como eu. Meus amigos e amigas da época da escola estão cursando faculdade e seguindo suas vidas, alguns morando em outros estados. No período em que convivíamos, sempre me trataram com carinho e respeito. Inclusão é quando todos participam e ninguém fica de fora, é quando todos, independentemente de sua condição ou de suas características, estudam, trabalham, participam da vida social. Estão em todos os lugares. A inclusão acontece quando as pessoas respeitam as diferenças. Quando não somos incluídos, a solidão acontece, e a pessoa se sente sozinha e excluída. Ninguém gosta de se sentir sozinho, por isso precisamos de amizade, de acolhimento e de inclusão. Quando existe amizade e respeito, a solidão vai embora. Xô, solidão! A amizade faz a gente se sentir mais forte e mais feliz. As pessoas com Síndrome de Down querem o que todas as pessoas querem: amigos, respeito, oportunidades, participação. Queremos viver em uma sociedade com mais amor e menos preconceito. Eu termino com uma mensagem de amizade, acolhimento e inclusão. Podemos estar juntos de todos, participando dos acontecimentos da vida. Incluir não é apenas convidar para a festa, é também tirar para dançar. Com inclusão, a solidão vai embora. Xô, solidão! Muito obrigada.

**PRESIDENTE DESTA SESSÃO ESPECIAL SARGENTO BYRON – MDB**

Parabéns, Alice. Conseguiu vencer a timidez, não é, dona Ana? Falou muito bem, viu, Alice? Parabéns mesmo, muito claro. Texto bem legal. Convido agora, para fazer uso da palavra, o senhor Breno, advogado. Breno Messias, que representa o presidente da OAB Sergipe, da Comissão de Saúde da OAB.

**BRENO MESSIAS – PRESIDENTE DA COMISSÃO DE SAÚDE DA OAB/SERGIPE**

Bom dia a todos. Vou pedir licença para fazer uso do púlpito, que é o lugar do advogado. Começo saudando todos, na pessoa do vereador, e parabenizando pela realização do evento. Gostaria de fazer minha autodescrição. Sou um homem de 1,90 m, pele branca, cabelo castanho, já um pouco grisalho, 40 anos. Uso um terno azul, gravata rosa e camisa branca. Vereador, queria começar parabenizando novamente pela iniciativa. Eu vinha aqui ouvindo atentamente as falas de Camila, de Alice, que me precederam, e vejo o quanto longe ainda estamos, como sociedade, de alcançar a nossa cidadania plena. Um dos papéis institucionais e constitucionais da OAB é zelar pela plenitude da cidadania, combater o aviltamento ou qualquer tipo de ofensa aos direitos humanos. E vejo que, enquanto precisarmos de um dia para lembrar, ter um dia específico, o dia 21 de março, para lembrar que existe uma parcela da sociedade que precisa de acolhimento e inclusão, ainda estamos muito longe de sermos tudo aquilo que os constituintes prescreveram lá em 1988. Como guardião da Constituição, ou um dos guardiões da Constituição — que é uma das funções da Ordem —, é muito triste constatar isso após tanto tempo. Oxalá chegue um dia que não iremos precisar estar tratando num dia específico acerca da luta pela inclusão. Escutar um cidadão que exerce direitos, cumpre seus deveres, que precisa de amizade, é muito triste por um lado, e fico feliz por outro que há uma parcela da população que invoca isso e traz a esta Casa, que é a Casa da Cidadania, para discutir esse assunto. Mas, com certeza, se posso orar aqui escutando tudo o que presenciei, é pelo dia que não precisaremos estar discutindo isso num dia e isso fará parte do nosso dia a dia. A palavra amizade vem da reciprocidade. Então, que realmente não tenhamos apenas esse olhar de empatia, mas que possamos enxergar todas as pessoas que estão aqui presentes como sujeitos que podem também contribuir para a sociedade, podem contribuir para a construção das políticas públicas, podem contribuir para o engrandecimento dos demais como seres humanos. Como bem foi dito aqui, acho que por todas as que me precederam, não se trata aqui de um favor, não se trata do exercício da empatia pura e simples, mas sim de alcançar um direito que, antes de constitucionalmente previsto, é um direito humano. Está acima, precede qualquer legislação, precede qualquer constituição. Isso fala mais sobre a humanidade que nós devemos alcançar do que sobre direitos. É algo até que acho que está acima disso. Então, a OAB, eu hoje estou na presidência da Comissão de Saúde, mas a OAB, inclusive, tem uma comissão que trata dos direitos das pessoas com deficiência. Minha amiga, colega, Sheila Christine, ela não está aqui hoje por um problema de choque de pauta, mas eu fiquei muito feliz de ter sido convidado, de representá-la e representar a Ordem e dizer que estamos atentos, vigilantes e, sempre que possível, atuando para contribuir com esta pauta. Então, quero parabenizar a todos pela iniciativa, parabenizar o vereador, e que seja um

trabalho profícuo na defesa dos interesses das pessoas com Síndrome de Down. Muito bom dia a todos.

### **PRESIDENTE DESTA SESSÃO ESPECIAL SARGENTO BYRON – MDB**

Parabéns, Dr. Breno. Muito obrigado pela presença aqui. O senhor, como representante da Comissão de Saúde, como cidadão, como advogado, está testemunhando as falas e o senhor pontuou bem as palavras que mais foram citadas aqui sobre garantia de direitos, sobre cidadania, amizade, respeito e acolhimento. Queria convidar agora, para fazer uso da palavra, a Dra. Ana Paes, mãe da jovem Alícia aqui. Fique à vontade, Dra. Ana.

### **ANA GALGANE PAES – PROMOTORA DE JUSTIÇA DO MINISTÉRIO PÚBLICO DE SERGIPE**

Bom dia a todos, a todas e àquelas pessoas que não se identificam com nenhum desses dois gêneros. Gostaria de cumprimentar a mesa e todos através do Sargento Byron, aquela pessoa que promove esse dia e com quem a gente sempre conta para falar de inclusão. Eu fui convidada para fazer parte da mesa inesperadamente, não tenho nenhuma fala pronta, mas me sinto muito honrada e muito gratificada por essa deferência. Subi como Promotora de Justiça, hoje aposentada. Sinto-me aqui representando hoje as mães, as famílias. Não tenho autorização da Cidown, que está aqui presente e representada através da sua presidente, Sueli Magalhães. Mas, enfim, oportunidades como essa para a gente falar sobre inclusão, sobre respeito, sobre amizade, sobre acolhimento é sempre bom, nunca é demais. Tenho ouvido assim, nós precisamos partir para as ações, a gente tem agido, a gente tem estado nas ruas, nos lugares, a gente aceita todos os convites para qualquer manifestação que seja para falar sobre inclusão, sobre oportunidades, sobre respeito. Como disse o doutor Breno, não era mais para a gente estar falando a essa altura da vida sobre essas questões. Mas a gente não se nega a nenhuma dessas oportunidades que nos são oferecidas. E, infelizmente, ainda é necessário a gente estar aqui falando sobre esse tema. E o que é pior: de nós para nós. O Sargento Byron fez o requerimento para essa sessão especial e quem vemos aqui na plateia? As famílias. Nenhum outro vereador se faz aqui presente, infelizmente. Vemos, principalmente, mães. Hoje, miraculosamente, meu marido fez questão, o pai de Alice, de vir, de se fazer presente. E eu agradeço muito por se engajar nessa luta conosco, aos maridos, aos pais, todos os que se engajam e que nos dão as mãos para a gente seguir em frente. Então, essas meninas todas aqui e todos esses jovens com Síndrome de Down que estão na plateia, são conquistas, são exemplos, são modelos para outras famílias que estão chegando e recebendo seus filhos com Síndrome de Down. Filhos são sinônimo de amor, tenha Síndrome de Down, tenha autismo, não tenha essas características, tenha outras. Filho é amor. E a gente está aqui nessa causa por puro amor, pela autonomia, pela

independência, pela felicidade dos nossos filhos. Aqui nós não vemos jovens infelizes, muito ao contrário. São jovens felizes. Porque nós, famílias, estamos proporcionando tudo o que podemos, todas as oportunidades que podemos para desenvolver as habilidades dos nossos filhos, seja ela qual for. Seja na fotografia, seja na mídia social, como a Alice já citou que é o grande sonho dela. Mas, a Alice é uma moça muito cheia de sonhos. São tantos sonhos que vocês não fazem ideia. Então, a gente vai fazendo o que pode. Infelizmente, ela não teve a oportunidade de passar no ENEM. Ela foi excluída na redação, muito embora tenha feito mais de 1.500 pontos. Naquele período, eu trabalhava muito e não me dei conta de que eu poderia ter brigado judicialmente por essa questão, para que a redação dela fosse corrigida, considerando que ela tem deficiência intelectual. Então, Alice é como uma pessoa com deficiência física ou um cadeirante, que foi colocada embaixo de uma escada e a ela disseram: “Suba”. Com a capacidade dela, com o conhecimento dela, ela escreveu oito linhas de redação. Mas vocês sabem o que acontece? Eles saem juntando. Se ela escreveu uma linha, uma frase, ela me disse “escrevi oito linhas, minha mãe”. Oito linhas era o mínimo. Sabe o que eles fazem? Eles saem juntando e aquilo vai dar quatro linhas. Não poderia jamais ter sido feito isso. Como os senhores viram, Alice lê muito bem. Alice é muito interessada em fazer pesquisas, como as meninas. Anda e vira, ela me vem: “Mãe, eu fui estudar sobre AVC, sobre endometriose”. Vocês não fazem ideia. Então, é uma pessoa extremamente interessada, que está ali durante o dia desenhando vestidos de festa, pesquisando sobre tanta coisa. Então, assim, Alice é uma pessoa muito feliz, e o que a gente pode proporcionar a ela... E nós, enquanto Cidown, sabe, eu faço um apelo a todas as mães, a Sueli, principalmente porque é quem está à frente da Cidown. A gente precisa cada vez nos unir, incluir. A gente não pode excluir ninguém, muito pelo contrário. Todo mundo sabe que eu sempre fui, estive naquela retaguarda, aquela pessoa que não aparece, mas que faz questão de estar junto da Cidown para que a Cidown vá à frente, não porque minha filha, a sua, precisem de uma Cidown, mas a gente sabe que tem muitas famílias que precisam da gente. Então, quanto mais gente a gente puder agregar, quanto mais famílias e pessoas com Síndrome de Down a gente agregar e puder estar conosco, vai ser melhor. A luta vai ser mais fácil. Porque é aquela velha história: uma andorinha só não faz verão. Juntos somos mais fortes. Muito obrigada a todos.

### **PRESIDENTE DESTA SESSÃO ESPECIAL SARGENTO BYRON – MDB**

Em tempo aqui, eu queria registrar as ilustres presenças do Felipe Monte de Carvalho, da Sueli, acho que não citei, do amigo Vitor Lucas e da sua mãe, Maria do Lourdes Santos Freire, da amiga Laura Maynard. Seja bem-vinda, Laura. Sei que você participa de tudo com muito afinco. Eu vou abrir agora para as pessoas que estão aqui na plenária. E a primeira pessoa para fazer uso da

palavra é o surfista, DJ, fotógrafo, Felipe Monte de Carvalho. Felipe, Vossa Senhoria tem três minutos. Pode subir aí à tribuna que o senhor não é brincadeira não. Jogue duro, viu?

### **FELIPE MONTE – INTEGRANTE DO PROJETO ESTRELAS DO MAR**

Meu nome é Felipe Monte. Eu faço parte da IncluZoom. Eu faço parte da Cidown, porque eu gosto muito de trabalhar lá na Cidown. Eu quero também ganhar dinheiro, para trabalhar lá na Cidown. Muito bom para vocês. Parabéns. Tudo de bom para vocês. Valeu. Obrigadão.

### **PRESIDENTE DESTA SESSÃO ESPECIAL SARGENTO BYRON – MDB**

Escutou, não é, dona Rosa? Então, tem isso também. Já tem o seu cachê separado para você não cobrar, viu, a organização do evento de sábado, viu, Felipão? Marcelo, você que é o empresário, está tendo um conflito de interesse. Empresário, promotor de evento. Enfim, vamos para a frente. A próxima pessoa a fazer uso da palavra é a amiga Sueli Magalhães. Sueli, fica à vontade, amiga.

### **SUELI MAGALHÃES – INTEGRANTE DA CIDOWN**

Bom dia a todos e a todas. Vou fazer minha autodescrição. Eu sou uma mulher negra, com a pele um pouco mais clara, que chamam de parda. Cabelos curtos. Uso óculos, mas como é para distante, fica mais no cabelo do que com qualquer coisa. Estou usando a camisa que é o tema desse ano, que foi determinado pela Síndrome Down Internacional, que era a “Xô, solidão”, e os meninos autodefensores fizeram essa frase “Amizade, acolhimento, inclusão. Xô, solidão”. Então, veja, é um tema que foi proposto por uma entidade internacional. Isso significa que não é só no Brasil que acontece essa discriminação. Eu gostaria de começar a falar sobre a questão desse tema. Por que precisamos falar sobre a solidão? Porque todos nós nos sentimos sozinhos às vezes. Mas, para muitas pessoas com Síndrome de Down e outras deficiências intelectuais, a solidão é uma experiência mais comum e dolorosa. As famílias também podem se sentir sozinhas e isoladas e sem apoio. A solidão pode se manifestar de diferentes maneiras, principalmente a partir do momento em que essa pessoa com Síndrome de Down entra na adolescência, jovem e adulto. Por quê? Porque é nesse período que a escola está terminando, é nesse período que as terapias também estão cessando, é nesse período que muitos projetos sociais também terminam para eles, é como se fosse determinado pela sociedade que pessoas com síndrome de Down só existem enquanto são crianças. Só existem enquanto são crianças. É como se, de repente, eles fossem para um mundo paralelo e deixassem de existir. Então, a gente fala muito sobre a inclusão nas escolas. E a gente luta muito por essa inclusão no ensino fundamental. Quando chega ao ensino médio, ela vai se fechando, e na universidade a situação piora. A questão citada por Ana Galgane, da questão do ENEM, não tem

nenhuma preparação do ENEM para jovens com deficiência intelectual, que é o caso dos nossos jovens com Síndrome de Down. “Ah, eles dão ledor, eles dão mais tempo”. Ora, preste atenção ao que é uma jovem que, geralmente, por ter Síndrome de Down, tem um tempo menor de concentração, passar horas a mais fazendo uma prova. E na hora da avaliação, essa avaliação ser feita igualmente como se faz a avaliação para quem não tem deficiência intelectual. Mas isso, a Federação Brasileira está no processo de luta, conversando com as universidades. Temos autodefensores lá junto ao MEC. Está sendo lançada uma pesquisa no Brasil todo para jovens que passaram pela experiência do ENEM, para que eles possam se manifestar. Porque, infelizmente, direitos, no Brasil, têm que ser luta. É como se fosse um sinônimo: direito igual a luta. Porque mesmo tendo lei, que a gente tem uma lei... Eu não gosto muito de falar quando tem advogados. Falar em lei com advogados presentes fica uma coisa meio esquisita. Mas, mesmo com a LBI, que todo mundo admira, nós ainda não temos esses direitos colocados em prática. Então, a solidão também é causada por um estigma e por discriminação, e ela ocorre quando as pessoas são excluídas das escolas, dos locais de trabalho, de vida comunitária. Teve um estudo que relatou que 39% das pessoas com deficiência intelectual frequentemente se sentem sozinhas. Porque incluir não é só convidar para a festa, como a Alice falou. Incluir não é só convidar para a festa, mas é convidar para dançar, que é totalmente diferente. E também outro estudo relatou que as pessoas com deficiência intelectual tinham sete vezes mais probabilidade de se sentirem sozinhas do que a população em geral. Então, veja, se a solidão está sendo um problema mundialmente, esse problema é sete vezes maior quando se trata de pessoas com deficiência intelectual. Mas o que a gente faz para acabar com essa solidão? Precisa que toda a sociedade participe. Não é algo que vai ser feito somente pela pessoa que tem Síndrome de Down ou a família. Então, a gente precisa de espaços acolhedores, porque a solidão é uma questão de direitos humanos. Então, todo jovem com Síndrome de Down precisa frequentar uma escola inclusiva, ter um emprego inclusivo, não é só aquele emprego que é contratado para cumprir uma cota, e dois meses depois, três meses depois coloca o jovem para fora, ele é dispensado porque não foi dada nenhuma oportunidade para esse jovem crescer e trabalhar. E isso eu digo aqui, todas as vezes em que eu vim, umas três vezes, não sei se Byron não lembra, eu estava sempre cobrando o emprego e a questão de cotas. Hoje, nós temos Natália trabalhando na SEASIC como fotógrafa, *social media*, como ela falou. Nós temos Vitor Lucas, que está no Jovem Aprendiz da Prefeitura Municipal, e Yasmin, que está trabalhando também como Jovem Aprendiz no posto de saúde lá na Veneza. Temos Natália Silva, que está trabalhando também no projeto Jovem Aprendiz na Secretaria de Saúde do município. Ainda é pouco, mas estamos conseguindo. E tem sido o nosso trabalho de estar, eu e Laura, a gente está ali com aquela fichinha, que ela é a vice-presidente, a gente está sempre em reuniões com o pessoal da Fundat, com a Secretaria da Inclusão, mas ainda... Nós vimos Felipe ali cobrando, de maneira sutil,

o pagamento, não é, Marcelo? Mas, ainda está sendo pouco. Estamos conseguindo. A gente fica como um passo de tartaruga. Outra coisa que precisa, as famílias. As famílias conversem com seus entes queridos sobre o sentimento deles, incentivem a se expressar, porque é algo também que as pessoas com Síndrome de Down sentem, é esse problema de não se expressarem, elas são tímidas. E hoje nós estamos vendo aqui quatro jovens, todas elas fazem parte da diretoria da Cidown. Então, nós somos uma associação dos cidadãos sergipanos com Síndrome de Down e elas, essas quatro jovens fazem parte dessa diretoria. E também, governos e líderes, exigimos que transformem a Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência em ações concretas, criem políticas e forneçam financiamentos para acabar com a segregação, combater a discriminação e construir uma sociedade verdadeiramente inclusiva. Nós só teremos essa sociedade verdadeiramente inclusiva quando a gente tiver jovens com Síndrome de Down com todas as oportunidades. Olha, nós temos um jovem com Síndrome de Down no Ceará, formado em Direito, e agora ele está se preparando para fazer a prova da OAB. Então, eu espero que lá na OAB seja uma prova adaptada, e que não use o mesmo critério que usam com os demais. Então, eu agradeço a todos vocês, agradeço ao vereador Byron por essa oportunidade. E, mais uma vez, eu repito o lema deste ano que é: “Amizade, acolhimento, inclusão. Xô, solidão”.

#### **PRESIDENTE DESTA SESSÃO ESPECIAL SARGENTO BYRON – MDB**

Obrigada. Parabéns, Sueli. O próximo jovem a fazer uso da palavra é o jovem Victor Lucas, que aí se inscreveu para falar. Victor Lucas tem cinco minutos, Thiago.

#### **VICTOR LUCAS – INTEGRANTE DA CIDOWN**

Bom dia a todos. Sou o Victor Lucas Santos Freire. Eu tenho cabelo preto, pele parda. Eu concordo com Sueli Magalhães, que nosso futuro está em jogo. Eu faço curso de tirar foto na IncluZoom. Eu participo do Estrelas do Mar, Sargento Byron. Eu comecei... Eu estou fazendo o treinamento de Emília Corrêa, *online*. Meu sonho é começar um emprego bom. Eu vou sustentar a minha família. Eu gosto de ter minha família, ajudar quem precisa. União, que é amizade, não é? Amizade. Camila, Flávia, a família de Alice, os pais, Sargento Byron, Natália Magalhães, todo mundo aqui. União, não é? União desde pequeno, vai crescendo, crescendo. E vamos lá, com tudo. É assim. Eu esqueci. Meu sonho é trabalhar, viajar, curtir. E o importante é... Vamos com tudo aí. Qualquer dia eu vou ser igual a Byron. Meu sonho, não é? E vou viajar para São Paulo, Rio de Janeiro, a galera aí. Viu? Vamos com tudo aí. Parabéns pelo Dia da Mulher que passou. Parabéns a todas as mães aí, viu? Laura, Érica Mitidieri e Fábio Mitidieri. Parabéns, aí.

#### **PRESIDENTE DESTA SESSÃO ESPECIAL SARGENTO BYRON – MDB**

Parabéns, Victor Lucas, sempre representando bem todas as pessoas com Síndrome de Down. Isso aí, Lucas! Todas as pessoas inscritas já falaram. Então, eu vou fazer com bastante brevidade o uso da tribuna para falar um pouquinho aqui. Bom dia a todos, bom dia a todas. Aqui todo mundo subiu e fez sua audiodescrição. Dona Ana me lembrou ali, a gente anota um bocado de coisa e acaba esquecendo algumas coisas, é muito natural. Apesar de estar aqui há um bom tempo, já na Câmara, vou dizer, 5 anos aqui, a gente ainda fica nervoso subindo à tribuna, podem acreditar nisso, é um exercício diário, é o nosso trabalho, mas a gente fica nervoso. Então, como sempre, faço a minha audiodescrição. Sou uma pessoa preta, usando um terno azul-escuro, uma gravata da cor vermelha em homenagem ao Club Sportivo Sergipe, uma camisa interna branca, uso óculos transparentes, de grau, tenho cabelo preto, baixo, grisalho, Doutor Breno, também, o meu aparenta menos, porque eu corto no pezinho; então, mostra mais careca do que cabelo. Tenho 47 anos. Dona Ana, Sueli, Felipe, Igor, que está ali com Denise. A gente fica muito feliz de estar aqui hoje. Talvez, com certeza, a gente poderia estar muito mais feliz vendo outras pessoas compondo, somando, como falou Dona Ana aqui. Pode botar os 5 minutos, viu, Thiago? Para não ser diferente de ninguém. Bote 5 minutos que, senão, sabe como é que funciona. Então, a gente poderia ter mais pessoas aqui compondo esta sessão especial, mas eu vejo a importância do alcance, Dona Ana, do veículo de comunicação da Câmara Municipal de Aracaju, e através dos jornalistas que aqui estão, fazerem matérias para que esse momento como o nosso aqui seja ecoado. E por mais que eu esteja há quase 15 anos militando na causa da pessoa com deficiência, ainda algumas falas me surpreendem. Ao chegar aqui, eu fiquei muito focado nas palavras escritas na camisa, e alguns dias atrás eu ouvia, por exemplo, pessoas falando sobre a ausência de convites, por exemplo, para que os seus filhos participem de momentos sociais como festas de aniversário, entre outros. E quando são convidados, são apenas convites de pessoas que também possuem a síndrome ou pessoas com deficiência. Infelizmente, a gente ainda passa por situações como essa. E, como falou a jovem Alice, as pessoas com Síndrome de Down esperam que sejam convidadas para a festa, não apenas para participarem da festa, mas para dançarem com as outras pessoas, participarem integralmente daqueles eventos a que são convidados. E o que a gente ouve, e é sempre bom essa escuta para ter a perspectiva das próprias pessoas que possuem deficiência, das próprias pessoas com Síndrome de Down, de como eles veem o mundo, e como eles acham que o mundo os vê. Quando Victor Lucas fala que está trabalhando, quando Natália fala que trabalha, a gente vê a importância de como eles desejam ser tratados pela sociedade. A fala da senhora com relação ao ENEM de Alice, que fez a prova e foi corrigida como qualquer outro aluno, como qualquer outra pessoa que presta essa seleção. A gente se lembra daquela imagem de igualdade e de equidade, em que a gente vê aqueles banquinhos e as pessoas com alturas diferentes. A sociedade ainda não absorveu a importância da palavra equidade. Ainda estamos muito longe disso. Mas são momentos como esse, Dona Ana,

Sueli, Dona Rosa, que eu vejo a resiliência, é uma frase que muita gente tatua no corpo, de vocês. Vocês, mães, representantes. Eu falava no final de semana com a advogada Sheila, doutor Breno, sobre a curatela, a tomada de decisão apoiada, a importância desse instrumento jurídico. Porque a maior parte das pessoas, por não entenderem a gravidade de interditar, de curatelar alguém, de restringir todos os direitos enquanto cidadão... E a importância da Cidown para Aracaju, para Sergipe, para o Brasil. É fato. Acesso à educação, que a senhora Sueli, que Dona Ana, conseguiram ofertar para os seus filhos, é diferente de outras mães que têm filhos com Síndrome de Down. E com todo o acesso, a senhora vê as dificuldades que a senhora e a Alice enfrentam. Imaginem sem um amparo, sem um acolhimento, sem as informações que vocês da Cidown compartilham todos os dias com aquela mãezinha que acaba de descobrir que seu filho tem a Síndrome de Down. Então, a minha fala aqui hoje é para dizer: continuem, continuem firmes, continuem fortes. Porque eu acredito muito que a etapa, enquanto mãe, de vocês, já chegou a um patamar de manutenção dessa força, dessa garra, enquanto mãe. E quando a senhora falava, hoje a missão, eu sempre apareci na retaguarda, e a senhora hoje, como servidora aposentada, sabe da importância que tem de se somar a Sueli, a Rosa, a outras mães, para que aquela mãezinha que está lá na periferia de Aracaju, que não entende ainda os direitos garantidos na Lei Brasileira de Inclusão, na Constituição, dependem dessa orientação. Então, eu sei do papel como mãe de Alice que a senhora tem cumprido até agora; como Sueli, como mãe de Natália; Rosa, mãe de Felipe. E hoje o papel ainda é maior, a responsabilidade é maior, não é, dona Ana, Sueli? Porque com a ausência da atuação, da força da Cidown, talvez outras mães não consigam entender, e limitar seus filhos dentro das suas casas. “Você não vai aprender porque você já tem uma sentença. Você é pessoa com deficiência, com déficit cognitivo, intelectual e motor.” Então, são nesses momentos que eu ouço a palavra. Eu ouvi as frases de Sueli, de Dona Ana, que a gente vê o papel institucional. O papel de todo e qualquer cidadão, da OAB, que está aqui hoje, que se faz presente através do doutor Breno Messias, me perdoe, doutor Breno, e de todo cidadão que entende que cada um de nós, dentro da sua competência, seja ela de trabalho ou enquanto cidadão, pode contribuir para um mundo melhor. Para um mundo melhor, para a filhinha de Laura, para que Filipe, quando vier a casar, provavelmente muito em breve, venha a ter filhos, constituir família, possa entender que a sociedade é também para ele, é também por ele. Então, dona Ana, eu sei que a senhora falou que ficou muito feliz ao ver o seu esposo aqui participando deste momento. Porque eu sei que cada um tem as suas agendas, os seus compromissos. Além de mãe de Natália, Sueli é mãe de um outro filho. E eu sei que às vezes... Eu cheguei a ouvir de um irmão de uma pessoa com síndrome de Down que ele queria ter síndrome de Down, porque as atenções daquela mãe eram todas voltadas para o desenvolvimento daquela criança. Foi muito duro ouvir isso, sabe? Para mim, foi muito duro ouvir isso. E eu entendo da dedicação que vocês têm, e sem deixar desequilibrar essa balança. O

cuidado com o outro filho, que talvez não requeira a mesma atenção em qualquer outro aspecto, porque você não deixa de ser mãe da outra pessoa, não deixa de ser pai, não é? Eu parablenizo todos vocês que estão aqui hoje pela missão que vocês se incumbiram de não só buscar lutar para que as pessoas consigam ter o seu direito a ter amigos, a serem acolhidas e terem respeito de uma sociedade. Falar que podem contar conosco todas as vezes que nós nos encontramos, hoje na função em que a sociedade aracajuana me incumbiu de representar. Podem contar, Dona Ana, Sueli, Felipe, Flávia, Camila, com o nosso trabalho enquanto parlamentar. Enquanto estivermos ocupando, Dona Ana, Laura, uma cadeira aqui na Câmara de Vereadores, iremos buscar dar nossa contribuição para que qualquer cidadão que possua uma condição, que necessite de um mandato, de uma voz, que aqui quem falou primeiro foram as pessoas com Síndrome de Down, porque essa sessão especial é por eles, para que eles sejam ouvidos nos seus desejos. Victor Lucas falou, e Felipe, que quer ser remunerado. E é o direito a emprego, a capacitação profissional, o direito de casar, não é, Felipe? É isso aí, Felipe. Jogue duro. Mas, Dona Ana, obrigado pela presença da senhora, doutor Breno, Laura e a todas as mães que compõem a Cidown. Eu espero que esses momentos se repitam mais vezes, dona Ana. Que as vozes das pessoas com Síndrome de Down sejam ouvidas e que a garantia de direitos que o colega Breno, doutor Breno, advogado, que é natural do ser humano, cidadão, sejam respeitados. É natural, não precisaria a gente estar buscando a positivação desses direitos. É um direito natural do ser humano, do cidadão. Feliz dia 21, e que cada vez mais a gente possa ocupar espaços para que as pessoas com síndrome de Down sejam respeitadas e possam estar nas universidades, nos locais de trabalho, nos locais de lazer. Victor Lucas disse que quer viajar para São Paulo, Rio de Janeiro. Que Victor Lucas e todas as pessoas com Síndrome de Down possam fazer isso com o seu próprio dinheiro, com o seu próprio trabalho, com o seu espaço. Obrigado a todos. Deus abençoe. E que a gente possa, cada vez mais, ver instituições como a Cidown ter um reconhecimento de toda a sociedade. Porque, através da formação desse coletivo, que luta não só por Natália, por Victor Lucas, por Felipe, por Igor, mas por toda pessoa que precisa do amparo estatal, Deus abençoe e, como diz Victor Lucas, vamos para cima. Eu agradeço a todos os familiares, aos amigos que compõem o nosso mandato, Edilson, Marcelo, João Pedro, que estão aqui presentes também, prestigiando e contribuindo para que essa manhã de hoje fosse exitosa, como dizem os indianos, auspiciosa, dona Ana. Eu vou convidar todos para que a gente possa ouvir o Hino de Sergipe agora, para que a gente possa encerrar a sessão especial de hoje.

**[SESSÃO ENCERRADA]**

*Texto revisado por Weslin de Jesus Santos Castro.*